A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA, A LEITURA E A ESCRITA

CAMILA DOS SANTOS BANDEIRA

RESUMO

Esse artigo pretende abordar reflexões a respeito das contações de história, a leitura e a escrita. Nas contações de histórias as crianças começam a ter a percepção de que seus medos e incertezas, as suas relações sociais vão ficando com conflitos menores, devido a momentos de conversa dos combinados da turma, como regras de convivência e respeito. A contação de histórias é um fator que contribui para o processo de leitura e escrita, no qual o amor vai surgindo por meio do respeito ao próximo, das atitudes altruístas e de carinho. Dessa forma, a criança vai notando que a amizade é uma conquista fundamental para seu cotidiano. Por meio das histórias infantis as crianças começam a perceber que coisas ruins podem acontecer na vida de uma pessoa e podem ser passageiras, pois sempre há uma pessoa boa, que para eles pode ser a fada, para auxiliar na resolução dos problemas, como a mãe, avó, tia ou mesmo a professora. Todos os seres humanos nascem com a habilidade da leitura e desenvolvem a escrita ao longo do tempo, entretanto, não se pode ter uma visão simplista do ato da leitura já que o bom leitor não é aquele que juntar letras para formar palavras, o bom leitor é aquele que consegue interagir com o texto, de maneira, ampliar ideias, relacioná-los a outros textos e tirar dele novas proposições.

Palavras-chave: Histórias Infantis; Incertezas; Medos.

INTRODUÇÃO

Contar uma história é diferente de ler uma história, e na escola há espaço para as duas práticas. O contador recria o conto junto com seu auditório. Ele conserva algumas partes do texto, mas modifica-o, de acordo com a interação que estabelece com o público. Já o leitor de histórias empresta sua voz ao texto, respeitando a estrutura linguística da narrativa, bem como as escolhas lexicais do autor. Muitas vezes a contação de histórias abre caminho para que muitas outras leituras do texto contado sejam feitas. Praticada nos mais variados estilos e em diferentes lugares, na escola o seu papel é fundamental, pois desperta o interesse dos alunos e estimula o desejo pela leitura de livros literários. Uma história é capaz de emocionar e de surpreender o ouvinte pela forma como é contada. Sabe-se que as crianças vivenciam na instituição escolar experiências significativas e duradouras. A contação de histórias é uma dessas experiências que contribuem para a permanência do gosto pela literatura para além da infância. Daí a importância de propiciar à criança oportunidades de ouvir muitas histórias, que podem ser lidas ou contadas de memória.

Contar histórias, para não ser confundido com a leitura de histórias, envolve contar uma história da memória sem o auxílio de um livro ou roteiro escrito. Alguns contadores memorizam suas histórias; outros memorizam os personagens e eventos e contam livremente suas histórias, variando-os a cada um.

A maior parte da escrita sobre os benefícios da alfabetização na literatura profissional baseia-se em observações da prática e não em descobertas de pesquisas.

O dicionário Aurélio define ler como verbo transitivo direto que pode significar: “percorrer com a vista (o que está escrito), proferindo ou não as palavras, mas conhecendo-as, ver e estudar (coisa escrita), decifrar e interpretar o sentido de, perceber, adivinhar e ver as letras do alfabeto e juntá-las em palavras”. Das várias definições que pode ter o “ler”, o importante mesmo é o que se faz desse ato: a leitura que pode ser em voz alta, baixa ou silenciosa, mas precisa existir uma troca entre quem lê e o que se lê.

Quer dizer, se por um lado ler significa conhecer, interpretar, decifrar, do outro, está leitura que é um processo de interação entre o leitor e o texto. Portanto, mais, ainda, entre leitor, texto e autor.
Segundo Silveira (1998, p. 137)

Ler não é apenas relacionar significantes escritos a significados lingüísticos, conforme a crença dos estruturalistas, ou seja, um ato de decodificação, realizado a partir do conhecimento que os falantes têm do sistema de uma língua; portanto, ler não se reduz a saber decifrar letras e reconhecer palavras escritas, ainda que essa seja a crença corrente em nossa escola que entende que para ser bom leitor basta conhecer a ortografia, o vocabulário e as regras gramaticais da frase.

Ler é um processamento cognitivo complexo das informações que produz interacionalmente conhecimentos novos para o leitor.

Quer dizer que o momento da leitura é um momento de interação, de troca, de compartilhar, mas, ler e a leitura são atos vazios de significados, se nesse processo não consideramos o leitor e o texto, pois, é o leitor quem constrói significado de um texto por meio da leitura já que relaciona conteúdos, ativa conhecimentos pré-existentes e abre o olhar para novas possibilidades.

Sendo assim, definamos o campo de interação entre leitor e autor: o texto.

De acordo com Koch (2005b, p.17), o “texto é um evento dialógico (interacional), lugar de interação entre sujeitos sociais contemporâneos ou não, copresentes ou não, do mesmo grupo social ou não, mas em diálogo constante”. Ainda, para Koch (2004a, p. 12), o texto pode ter várias concepções, entretanto, toma-se por base, para este trabalho, a definição de concepção de base sociocognitiva interacional de texto como lugar de interação entre atores sociais e de construção interacional de sentidos.

O diálogo estabelecido entre leitor e texto é motivado por algo exterior, tais como, devanear, entreter-se; informar-se; seguir uma pauta de instruções para realizar uma determinada atividade (cozinhar, conhecer as regras de um jogo), etc. Ou seja, para que exista a presença de um leitor ativo que processa e examina o texto, é necessário um objetivo para guiar a leitura; em outras palavras, sempre que lemos algo, lemos por uma finalidade.

Dessa forma, entende-se que ler é construir significados, ou seja, a leitura é um processo mediante o qual se compreende a linguagem escrita, sendo o leitor um sujeito ativo que interage com o texto porque busca algo nele. Portanto, quando pensamos na leitura com finalidade pedagógica, só podemos dizer que ela foi eficiente se resultar em aprendizagem significativa, para tanto, como dito anteriormente, deve-se existir um objetivo.

LEITURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

O leitor experiente tem duas características básicas que tornam a leitura uma atividade consciente, reflexiva e intencional: primeiro, ele lê porque tem algum objetivo em mente, isto é, sua leitura é realizada sabendo para que está lendo, e, segundo, ele compreende o que lê, o que seus olhos percebem seletivamente é interpretado, recorrendo a diversos procedimentos para tornar o texto inteligível quando não consegue compreender (KLEIMAN, 2000, p. 51, apud KRIEGL, 2002).

Ao ler, vamos realizando uma grande quantidade de operações mentais, de modo que possamos continuar a leitura. Em alguns momentos, a durante a leitura, podem surgir obstáculos. Daí a importância das estratégias de leitura para tornar o processo de ler em algo que nos cause a satisfação de objetivo alcançado.

O mundo dos contos de fada só fica cor de rosa quando começa a ser feita a distinção entre infância e vida adulta. "A invenção da infância ocorre no século 18, quando as casas são separadas em quarto, sala e cozinha, e as tarefas e interesses também começam a ser divididos. É quando a redenção chega aos contos e se enfatiza o final feliz", diz Antônio Edmílson. Foi nesse momento da história que entraram em ação Perrault, os irmãos Grimm e, mais tarde, Andersen. Eles não foram os primeiros a passar para o papel as histórias dos camponeses, mas foram os mais bem-sucedidos em sua adaptação ao gosto da nobreza e das crianças. Perrault, por exemplo, incluiu comentários sobre os costumes e a moda das elites em suas versões para dar uma cara à nação francesa.

O que o escritor fez em seu Contos da Mamãe Gansa, de 1697, de certa forma foi o que os contadores faziam nas aldeias: adaptou um fio condutor comum a sua realidade, eliminando detalhes violentos ou de conteúdo sexual " e incluindo a "moral da história". A adaptação ao gosto do contador, aliás, é uma marca que atravessa os tempos. Em uma história da China do século 9, por exemplo, uma moça chamada Yeh-Hsien é ajudada por um peixe mágico, que lhe dá chinelas de ouro para a festa da aldeia. Na volta para casa, ela perde uma das chinelas, que vai parar nas mãos do governante. No fim, o chefe local apaixona-se pelos pés pequenos de Yeh-Hsien, em consonância com os costumes chineses de enfaixar os pés das meninas para que não crescessem. As diferenças culturais estão claras, mas pode-se reconhecer as origens de Cinderela no conto. "Uma história contada oralmente pode ser adaptada à situação e aos ouvintes. Já um conto escrito tem sua forma fixada. Mas o que a escrita fixa, o leitor e o ouvinte reescrevem, adaptando à sua própria experiência", diz Marisa Lajolo. É, quem conta um conto sempre aumenta um ponto, seja na China do século 9, na França do século 18 ou nos dias de hoje.

A história vai perdendo sua característica de saga local e se transforma em Contos de Fadas, como nos fala FRANZ:

Os Contos de Fadas são abstrações. São abstrações de uma saga local condensada, e cuja forma se cristalizou, o que permite ser mais facilmente contada e retida na memória, pois desta forma, toca mais diretamente as pessoas. (1981, p. 33)

Não se pode precisar onde se distingue o mito do conto folclórico. De acordo com BETTELHEIM (1979, p.34), apenas pode afirmar-se que ambos provêm de uma sociedade pré - literata.

Estes contos fornecem percepções profundas que sustentaram a humanidade através das longas vicissitudes de sua existência, uma herança que não é transmitida sob qualquer outra forma tão simples e diretamente, ou de modo tão acessível, às crianças. (Bettelheim, 1979, p. 34)

Dessa forma, por meio da leitura dos Contos de Fadas podemos perceber as questões que permeavam os pensamentos de nossos antepassados. Vivências e experiências que sustentaram a humanidade nos foram passadas por meio das histórias contidas nos contos numa linguagem simples que fornece sentidos em qualquer idade.

De acordo com Corso (2006, p. 29):

A transformação dos contos de fadas em relatos bem comportados e menos grotescos não é absolutamente fruto de arroubos pedagógicos recentes. Por exemplo, já no início do século XIX, ao longo das sucessivas edições das compilações dos irmãos Grimm, é possível acompanhar o progressivo abrandamento das tramas e das personagens, como a transformação da mãe em madrasta.

Segundo Coelho (1998), a obra mais famosa de Perrault foi intitulada “Os
Contos da Mãe Gansa”, sendo que esta era uma personagem (Mère l’Oye) de velhos contos populares, muito familiares aos franceses: sua função era contar histórias para seus filhotes fascinados.

Com a publicação dos oitos Contos da Mãe Gansa, nascia a Literatura infantil, que hoje conhecemos como clássica. Pela primeira vez são publicados A Bela Adormecida no bosque, Chapeuzinho Vermelho, O Barba Azul, O Gato de Botas, As fadas, A Gata Borralheira, Henrique do Topete e O pequeno Polegar, todos eles são originários dos antiqüíssimos lais1 ou dos romances céltico-bretões e de narrativas originais indianas, que, com o tempo, transformações e fusões com textos de outras fontes, já haviam perdido seus significados originais. (COELHO, 1988, p.68)

Schneider e Torossian (2009) trazem-nos outras características encontradas nos contos de Andersen, que o consagram hoje como o pai da literatura infantil: “a literatura assinala três importantes vértices que tornam a obra de Andersen inédita: a criança retratada por meio de personagens, brinquedos que ganham vida e histórias nas quais o papel principal é ocupado por uma criança.” (2009, p.137).

Coelho (1998, p.78) finaliza afirmando que: “Enfim, sente-se, em todos os contos de Andersen, o esforço de racionalização do imaginário, em benefício de um mundo real mais gratificante para todos os homens.”.

Os antigos modelos autoritários, no qual a criança é apenas o receptor passivo de normas, devem dar lugar às literaturas emancipatórias, que proporcionam à criança um papel ativo, e busca desenvolver e estimular sua criticidade para que venha a se tornar um sujeito transformador. A literatura leva a criança a se questionar sobre a sua condição no mundo, considerando-se que a consciência do mundo se dá a partir do momento em que a criança consegue estabelecer uma relação com o livro e, a partir deste, construir um sentido para a sua realidade. É importante lembrar, no entanto, que, no caso da literatura infantil essa mediação, entre o leitor e o livro, pode ser realizada por um adulto leitor.

Todas essas formas de contar histórias pertencem às narrativas nascidas entre os povos da Antiguidade que, fundidas, confundidas, transformadas se espalham por toda parte e permanecem até hoje como uma rede.
Não se pode precisar ao qual se distingue o mito do conto folclórico. De acordo com Bettelheim(1979), apenas pode afirmar-se que ambos provém de uma sociedade pré - literata.

Estes contos fornecem percepções profundas que sustentaram a humanidade através das longas vicissitudes de sua existência, uma herança que não é transmitida sob qualquer outra forma tão simples e diretamente, ou de modo tão acessível, às crianças. (BETTELHEIM, 1979, p. 34)

Assim, por meio da leitura dos Contos de Fadas podemos perceber as questões que permeavam os pensamentos de nossos antepassados. Vivências e experiências que sustentaram a humanidade nos foram passadas através das histórias contidas nos contos numa linguagem simples que fornece sentidos em qualquer idade.
Segundo Albino (2010, p. 4):

Embora a literatura infantil tenha surgido no século XVIII, foi somente no século XIX, que, relativizando, ainda que de maneira incipiente o flagrante pacto com as instituições envolvidas com a educação, ela define com a maior segurança os tipos de livros que mais agradam aos pequenos leitores, determinando suas principais linhas de ação:
histórias fantásticas, de aventuras e que retratem o cotidiano infantil.

Todas as formas de contar histórias pertencem às narrativas nascidas entre os povos da Antiguidade que, conforme foram sendo transformadas se espalharam por toda parte e permanecem até os dias atuais em todos os países do Mundo.
De acordo com Coelho (2001, p. 13):

A literatura infantil é, antes de tudo, literatura: ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra, na verdade ela funde os sonhos coma e a vida prática, o imaginário é o real, os ideais e sua possível realização.

Os contos de fadas são fundamentais para a formação e a aprendizagem das crianças, sendo formas simbólicas, pelas quais despertam-se vários sentimentos.
Ao escutar histórias a criança entra em um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo, tornando-se capazes de entender os outros, propiciando uma interação satisfatória e significativa.
De acordo com Franz (1981, p. 33):

Os Contos de Fadas são abstrações. São abstrações de uma saga local condensada, e cuja forma se cristalizou, o que permite ser mais facilmente contada e retida na memória, pois desta forma, toca mais diretamente as pessoas.

Por meio da leitura dos Contos de Fadas podemos perceber as questões que permeavam os pensamentos de nossos antepassados, vivências e experiências que sustentaram a humanidade nos foram passadas por meio das histórias contidas nos contos numa linguagem simples que fornece sentidos em qualquer idade.
De acordo com Caldin (2001, p. 32):

Na década de 1950, o Brasil passou por uma crise da leitura, com a expansão do cinema e da televisão, quando a poesia ficou relegada a segundo plano, suplantada pela imagem. Os grandes festivais da música popular brasileira resgataram a poesia e abriram caminho para os anos 1970, com o boom da literatura infantil, que, sufocada pela ditadura, buscou, por meio da metáfora, uma forma de denúncia ao governo.

Percebe-se que os contos de fadas são influenciados pela política que o país vivencia, sendo também uma forma de expressar opiniões em forma de metáforas para denunciar os governos.
Segundo Coelho (1991, p.57):

Foi em pleno período de confronto entre o tradicional (formas já desgastadas do Romantismo/Realismo) e o moderno (representado pelo Modernismo de 22) que Monteiro Lobato inicia a invenção literária que cria o verdadeiro espaço da literatura infantil no Brasil.

Monteiro Lobato foi o autor que deu início à literatura infantil, criando mundos e seres imaginários, por meio das aventuras de seus personagens, sempre instigando a imaginação das crianças que têm contato com suas obras até os dias atuais.
De acordo com Turchi (2009, p. 14):

No panorama atual, um levantamento da produção literária para crianças aponta para uma retomada dos clássicos universais, dos clássicos brasileiros, dos contos de fadas, de histórias exemplares, de narrativas das mitologias grega, africana, indígena, entre outras. Além da publicação em nova edição, bem cuidada, com os avanços dos recursos disponíveis nas artes gráficas, há também a revisitação dessas antigas histórias numa direção da paródia ou da desconstrução pelo humor ou pela crítica dos valores ou paradigmas sociais. Essas formas e temas literários revitalizados trazem como marca estética a presença de dados da contemporaneidade na caracterização do tempo, do espaço e dos conflitos.

Portanto, atualmente a literatura preserva seus elementos da narrativa dos contos de fadas, mostrando uma preocupação com os problemas da vida cotidiana por meio dos livros, que são adaptados às necessidades sociais.

OS GÊNEROS TEXTUAIS

Para os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCN) do Ensino Fundamental, ciclo II, uma das metas é a de que a escola possibilite a compreensão crítica, por parte dos alunos, dos vários gêneros discursivos com que o cidadão lida no cotidiano.

Por isso, o mesmo coloca também como um dos seus objetivos gerais para o ensino fundamental, que os alunos sejam capazes de: "posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtivamente nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e tomar decisões coletivas". (1997, p. 2)

Neste sentido, é possível corroborar tal diretriz com Dolz e Schneuwly (2004), pois os autores explicitam que fazendo um bom trabalho com os gêneros textuais orais, através de sequências didáticas, é possível possibilitar o desenvolvimento da competência oral dos alunos, desde situações públicas escolares e para além delas.

Segundo Dolz e Schneuwly (2004), em qualquer situação comunicativa, seja ela de fala ou de escrita, usamos elementos adequados para cada situação:

> Não escrevemos da mesma maneira quando redigimos uma carta de solicitação ou um conto, não falamos da mesma maneira quando fazemos uma exposição diante de uma classe ou quando conversamos à mesa com amigos. (2004, p. 97)

Tais assertivas, reforçam os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) que confere à escola o papel de ensinar os alunos os usos adequados da língua em diferentes situações comunicativas, de ensiná-los a utilizar, da melhor maneira a linguagem em instâncias públicas e, cada vez mais, de fazer o uso da língua oral de forma mais competente.

Para Dolz e Schneuwly (2004) podemos chamar de "gênero de textos" os textos que são produzidos em condições diferentes, mas em alguns casos em situações e com características semelhantes. Esses gêneros facilitam a comunicação seja ela de situação formal ou informal, e ao fazer um trabalho adequado com os mesmos, possibilita-se que o aluno aprenda a falar ou escrever de uma maneira adequada a cada situação.

Por tudo isso, os autores enfocam que a escola deveria iniciar o trabalho com os gêneros que o aluno ainda não domina, de difícil acesso, com os gêneros públicos e não os privados, pois, estes os alunos já dominam.

Estes autores tratam em "Sequência didática para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento" de como é possível desenvolver trabalhos com os gêneros textuais orais e escritos através de sequências didáticas – conjunto de atividades escolares organizadas em torno de um gênero textual oral ou escrito – e a finalidade da mesma é proporcionar a apropriação dos gêneros.

Segundo Dolz e Schneuwly (2004), os gêneros textuais sejam eles orais ou escritos são ao mesmo tempo complexos e heterogêneos, produtos sócios históricos, por isso respondem perfeitamente às concepções de desenvolvimento da linguagem, pois para os mesmos, em uma situação de interação, o gênero é instrumento de comunicação, "interface" entre os interlocutores, definindo para o enunciador o que dizer e a forma de dizê-lo para o destinatário.

De acordo com Marcuschi e Dionísio (2004, p. 65):

> É sabido que podemos ter uma escrita não-padrão. Basta folhear a literatura de cordel, os poemas dos poetas regionalistas e boa parte da literatura existente no País, bem como a maioria das revistas em quadrinhos. Além disso, temos a escrita produzida nas condições mais espontâneas em textos de cartas, bilhetes e outros que não preenchem os requisitos da língua padrão, mas, nem por isso, deixam de ser textos escritos altamente comunicativos e praticados. (2004, p. 65)

Assim, os autores afirmam que a escrita não padrão está se tornando a cada dia, mais difundida.

A IMPORTÂNCIA DE CONTAR E ESCUTAR UMA HISTÓRIA

Segundo Freud (apud Fromm, 1962) todo sonho é uma expressão relevante da vida interior e, sua interpretação, é o caminho para a compreensão do inconsciente. Freud (apud Fromm, 1962:17) percebeu que os sonhos não se diferenciam dos mitos e Contos de Fadas, e que são um fenômeno humano universal. Numa história, a sucessão de acontecimentos representa a experiência interna do herói - história latente – numa linguagem simbólica.

As histórias que ouvimos quando crianças moldam nossa visão do mundo. A maioria das crianças pequenas vive suas vidas em um ambiente bastante limitado. Lendo histórias para crianças pode mostrar-lhes lugares distantes, pessoas extraordinárias e situações de abertura de olhos para expandir e enriquecer o seu mundo.

Também pode ser uma ótima maneira de ajudá-los a lidar com situações da vida real com as quais precisam de ajuda. Pesquisadores descobriram que a atividade cerebral que ocorre quando lemos ficção é muito semelhante a vivenciar essa situação na vida real, então ler sobre uma situação ajuda as crianças a descobrir como resolvê-la na realidade.

Contar histórias é claramente uma experiência social com narrativa oral, incorporando características linguísticas que exibem uma "sofisticação que vai além do nível da conversação" (Mallan, 1991, p. 14). E, por essa razão, a narrativa funciona como um bloco de construção eficaz que facilita a jornada de oratória para alfabetização. Alfabetização é um sistema de linguagem de segunda ordem que requer a competência oral como um pré-requisito (Dyson,
1991; Hall, 1987) e, como uma sofisticada forma de arte oral, certamente oferece uma contribuição significativa para a competência da linguagem oral, juntamente com muitos links significativos para a linguagem escrita.

Nossa linguagem escrita é muito mais complexa que nossa linguagem falada. Snow & Tabors (1993) definem claramente a escrita como "um sistema próprio", que se baseia na base da oralidade e depois vai muito além dela. Isso é exemplificado pelas seguintes estatísticas sobre vocabulário.

Os adultos alfabetizados geralmente usam palavras muito mais complexas quando estão escrevendo do que quando falam. Quando as crianças estão aprendendo a ler e escrever, seu vocabulário de linguagem oral será obviamente maior. Snow e Tabors descobriram que um vocabulário de linguagem oral bem estabelecido é essencial para o desenvolvimento do vocabulário escrito de crianças pequenas.

As crianças podem soar uma palavra escrita de forma mais eficiente se souberem como ela deve soar (fonologia); e se eles sabem o significado (semântica) das palavras, eles podem prever onde podem ocorrer em um texto (p. 9-10). Cooper, Collins e Saxby (1992) afirmam que a experiência regular de contar histórias aumenta o vocabulário de crianças pequenas, ao encontrarem uma ampla gama de novas palavras através da história (p.10-11), apoiando assim o desenvolvimento de seu vocabulário escrito.

Contar histórias como uma forma de arte também emprega convenções literárias, tais como ponto de vista, enredo, estilo, caracterização, cenário e tema (Mallan, 1991: 15). Muitos gêneros diferentes podem ser explorados através da narrativa, da mesma forma que gêneros variados ocorrem na forma escrita. Mallan afirma que através da experiência regular de contar histórias de diversos gêneros, as crianças logo aprenderão a esperar certas características desse gênero. Isto é tipificado pela replicação retumbante de histórias começando com "era uma vez" e terminando com "felizes para sempre". Esse conhecimento cria um "senso de história". As crianças desenvolvem um esquema de que história é: em que consiste e do que se trata. Isso, então, fornece uma estrutura para a compreensão dos textos das histórias. Jennings (1991) confirma isso com sua observação de que as crianças que tiveram encontros orais frequentes com a história, podem fazer previsões bem sucedidas ao ler a narrativa (p.10).

As crianças ao lerem/escutarem Histórias entram em contato com seu material inconsciente/latente, pois ao se identificarem com os personagens podem avaliar as situações de uma forma mais distanciada. Dessa forma, ao entrar em contato com os processos internos identificando-se com os personagens, os contos possibilitam a criança ver-se “de fora” da situação, com um olhar mais distanciado pode-se melhor perceber o problema posto e as sugestões para a solução.

Temos que ter em mente que ao analisar os significados dos contos, pode haver um apego demasiado a alguns aspectos não existentes em relatos mais antigos.

As histórias podem ajudar as crianças a elaborar e vencer dificuldades psicológicas bastantes complexas, pois oferecem possibilidades de se construir uma ponte entre o inconsciente e a realidade, visto que em cada história uma linguagem simbólica que se comunica diretamente com o inconsciente e mesmo que a criança não expresse sua compreensão acerca da mensagem contida na história, isto não significa que esta não foi assimilada.

Ler um conto de fadas para uma criança, ou deixar que ela o leia sozinha é importante para auxiliar no desenvolvimento da imaginação e da fantasia. Esses elementos são essenciais para o universo infantil, uma vez que servem como mediação entre a criança e a realidade, atuando na resolução de conflitos e na estruturação da personalidade, através dos simbolismos representados pelos personagens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Histórias e os Contos guardam a estrutura de um sonho, com deslocamento e simbolização. Dessa forma, pode-se dizer que contar e ouvir histórias estimula a capacidade de sonhar e, sobretudo, o desejo de narrar os sonhos, indícios de uma vida imaginária mais intensa.

Percebe-se que quando a criança ou até mesmo o adulto lê ou escuta uma história vivencia experiências diversas e dá início a imaginação, fazendo uma interlocução entre a história e sua vida real.

As histórias e os contos de fada contribuem com o processo ensino aprendizagem e na cultura brasileira existe uma influência muito grande.

Por meio dos contos de fada pode-se observar problemas interiores dos indivíduos, fundamentalmente, das crianças e suas atuações em qualquer sociedade.

A literatura é o reflexo da cultura de um povo, fundamentais para serem trabalhados no Universo Infantil.

A educação infantil precisa adotar programas de alfabetização, que empregam ativamente a narrativa para unir suas habilidades estabelecidas e suas novas habilidades de alfabetização.

Os contos de fada nos trazem informações de tempos antigos, no qual percebemos variados estilos de vida, criações, dentre outros, que permitem cada vez mais a evolução, passando de geração em geração.

A inclusão de elementos mágicos, personagens à procura de tesouros, heróis com poderes diversos, entre outros, desperta a curiosidade da criança para o mundo literário, indo além de uma simples história, e sim podendo trabalhar com os aspectos emocionais de cada indivíduo.

Conclui-se que a criança, quando participa, por meio da leitura, dessas histórias, acredita que os seus conflitos também podem ser solucionados da mesma forma, pois, ao se familiarizar com as questões apresentadas nos contos, ela entende melhor o que está se passando dentro de seu eu inconsciente. Além disso, as histórias oferecem novas dimensões à imaginação do pequeno, que ele não poderia descobrir verdadeiramente por si só, percebendo que as situações apresentadas são idênticas às suas, porém com a presença do maravilhoso, terminam sempre com a frase “e viveram felizes para sempre”. Isso permite que ela acredite no que o conto diz, já que a forma mágica e otimista de ver o mundo que a história apresenta está de acordo com a sua.

Em primeiro lugar, é necessário esclarecer, mais uma vez, que não foi possível usar o material coletado nas entrevistas, na primeira etapa deste trabalho de pesquisa, por falta de encontrar professores que explicitassem, com clareza, um trabalho com a oralidade, na direção de formar alunos que melhor se expressem nos usos públicos da linguagem. Daí pode-se extrair que tal impossibilidade é um sintoma de que, como justificado e problematizado, umas parcelas mínimas de professores efetivamente elaboram atividades em sua prática docente que atendam a uma demanda legítima de aprendizagem de linguagem por meio da fala, da oralidade.

Se o objetivo que se possui, ao ensinar a língua oral, é o de propiciar aos alunos o falar com desenvoltura, permitindo-lhes expor suas ideias sem inibição, seja declamando, dramatizando, contando histórias ou entrevistando, esse resultado só é alcançado se for ensinada uma coisa de cada vez, com planejamento de todas as etapas do trabalho, acompanhamento e avaliação do processo.

Importante salientar que é um equívoco se pensar que, pela razão de os alunos já dominarem a fala muito antes da idade escolar não mais é necessário ensinar outros usos e formas de linguagem oral. O domínio de um único gênero oral não significa que os demais também já estejam dominados. Saber expor um assunto para uma plateia não significa saber participar de um debate público. As competências exigidas para uma e outra situação não são as mesmas. Assim, o trabalho com a linguagem oral precisa selecionar os gêneros orais para cada série, de forma que os alunos conheçam tais gêneros um a um, em situações em que lhes sejam propiciados a construção social do sentido e das significações pessoais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fada. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. A língua falada no ensino de português. 7.
ed. São Paulo: Contexto, 2006.

CORSO, D. L.; CORSO, M. Fadas no Divã: psicanálise nas Histórias infantis.
Porto Alegre: Artmed, 2006.

DIAS, Ana Flávia Araújo. A importância dos contos de fadas no desenvolvimento infantil. Revista Pátio Educação Infantil. São Paulo, ano III, n.7, maio/junho 2005.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da C. V. de O.; AQUINO, Zilda G. O. de. Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna.
5. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

FRANZ, Marie-Louise Von. A interpretação dos contos de fada: Uma introdução à psicologia dos contos de fadas. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981. KATO, Mary. O aprendizado da leitura. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. KOCH, Ingedore G. V. Desvendando os segredos do texto. 4 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

KUPSTAS Márcia. et al. Sete faces do conto de fadas. São Paulo: Moderna, 1993.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Da fala para a escrita: atividades de retextualização. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio (Org); DIONISIO, Ângela Paiva (Org). Fala e Escrita – Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MANGUEL, Alberto. Uma história da leitura. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MIRANDA Marília Gouvêa. O processo de socialização da escola: A evolução da condição social da criança. In: Psicologia social: O homem em movimento. LANE SILVA, T. M. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PAULINO, Graça; WALTY, Ivete; FONSECA, Maria N.; CURY, Maria Z. Tipos de textos, modos de leitura. 2 ed. São Paulo: Editora Formato, 2001. PIRES, Luciane P. Estratégias de interação no texto escrito: perspectivas para o ensino da leitura. 2004. 128 f. Tese (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.

POSSENTI, Sírio. Porque (não) ensinar gramática na escola. Campinas, SP: Mercado das Letras, (1998)

PRETI, Dino (org), Estudos da língua falada: variações e confrontos. 2.ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/ESP, 1999.

RAMOS, Jânia M. O espaço da oralidade na sala de aula. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Gêneros orais e escritos na escola.
São Paulo: Mercado das letras, 2004.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Leitura e Realidade Brasileira. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

SOLÉ, Isabel. Estratégias de leitura. 6. ed. Porto alegre: Artmed, 1998.

ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil na escola. São Paulo: Global, 2003.